

HIERARQUIA URBANA REGIONAL E A DINÂMICA DE UMA CIDADE MÉDIA: UM ESTUDO SOBRE RONDONÓPOLIS-MT

Paulo Daniel Curti de Almeida¹
Cornélio Silvano Vilarinho Neto²

RESUMO

O estudo das cidades médias no Brasil não é recente e remonta principalmente a partir da década de 1970, através de tentativas de classificá-las e identificá-las no sistema urbano brasileiro. Sendo assim, o objetivo proposto para este artigo é realizar uma discussão conceitual/teórica em relação ao estudo de cidades médias, levantando fatores, através de processos históricos e socioeconômicos, que levaram a cidade de Rondonópolis-MT a despontar no cenário regional e nacional como uma cidade média. Observou-se que a causa do seu crescimento populacional, principalmente a partir da década de 1960, deveu-se principalmente à situação geográfica e pela ligação terrestre facilitada, principalmente com os centros urbanos de maior importância econômica. Desta forma, evidenciou-se inicialmente a entrada do capital, através da agricultura e pecuária voltada para o mercado internacional e posteriormente a instalação de unidades fabris para a industrialização da produção local e regional, visto que a cidade drena parte considerável, principalmente dos grãos de soja produzidos no estado de Mato Grosso. Nesta perspectiva, notou-se ainda que a implantação de considerável infraestrutura (rodovias estaduais e federais, hospitais, dentre outros) facilitou o atendimento de parte da demanda populacional local e de consumidores oriundos de municípios vizinhos dotados de menor infraestrutura.

Palavras-chave: Hierarquia urbana. Cidades médias. Situação geográfica. Rondonópolis/MT.

1 Mestrando do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. e-mail: sou_capixaba@yahoo.com.br.

2 Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. e-mail: cornelio@vsp.com.br.

RESUMEN

La investigación acerca de las ciudades medias en Brasil no es reciente y remonta principalmente a partir de la década de los 1970, através de intentos de clasificarlas e identificarlas en el sistema urbano brasileño. De este modo, el objetivo propuesto para este estudio es el de realizar una discusión conceptual/teórica en lo que concierne a la pesquisa de las ciudades de medio porte, levantando datos, por medio de procesos históricos y socio-económicos, que llevaron la ciudad de Rondonópolis-MT a destacarse en el escenario regional y nacional como una ciudad mediana. Se observó que a la causa del crecimiento de la población, sobre todo a partir de la década de los 1960, impulsada principalmente por la situación geográfica y por la comunicación terrestre facilitada con los centros urbanos de mayor importancia económica. De esta forma, se quedó evidente inicialmente el ingreso del capital, a través de la agricultura y pecuaria volcadas hacia el mercado internacional y posteriormente la instalación de unidades fabriles para la industrialización de la producción local y regional, visto que la ciudad drena parte considerable, sobre todo de los granos de soya producidos en la provincia de Mato Grosso. A partir de esta perspectiva, se notó aún que la implantación de considerable infraestructura (carreteras estatales y federales, hospitales, entre otros) facilitó el atendimento de parte de la demanda de la población local y de consumidores originarios de municipalidades vecinas portadoras de menor infraestructura.

Palabras-clave: Jerarquía urbana. Ciudades medias. Situación geográfica. Rondonópolis/MT.

Introdução

O processo de urbanização é um fenômeno recente no Brasil. Na década de 1930, o início e a aceleração do processo de industrialização fizeram com que a população, residente em maior parte no campo, se deslocasse com maior intensidade para as cidades, provocando a concentração populacional nos grandes centros urbanos. Esse fenômeno pôde ser notado durante algumas décadas na história de nosso país. Entre as décadas de 1960 e 1970 a maioria da população brasileira já morava nas cidades.

Entretanto, a partir da década de 1970, devido ao “estrangulamento” das grandes cidades e por algumas ações estatais, notou-se o alvorecer do início de outro processo: o de desmetropolização, tanto das atividades industriais, quanto da população. Sendo assim, as cidades médias ganharam destaque no cenário nacional, apresentando um crescimento constante maior que outros municípios com população superior. Conforme Andrade e Serra (1997), o período entre 1970 e 1991 demonstra que, embora extremamente concentrada nos grandes centros urbanos, a população urbana brasileira passa por um notável processo de reversão de sua polarização, no qual as cidades médias cumpriram papel decisivo.

Neste mesmo período essa situação foi bem evidenciada, pois, em 1970, as cidades médias detinham menos de 20% da população urbana e, em 1991, as mesmas passaram a agrupar 1/3 da população urbana (ANDRADE; SERRA, 1997). Entre os motivos para esse fator destaca-se o deslocamento de empregos, que deixaram os grandes centros e se instalaram pelo interior do país. Além disso, observa-se que a população dos grandes centros urbanos não estagnou, mas apenas passou a crescer a taxas menores do que as cidades médias. Estes mesmos autores acrescentam ainda que os centros intermediários, no período de 1970 a 1991, foram responsáveis por 49% do acréscimo populacional nacional, participação essa bem distinta do período de 1950 a 1970, quando tais centros responderam por 19% do crescimento nacional.

A partir daí, o capital instalado nas cidades médias passou a atrair a mão-de-obra existente, tanto de suas proximidades (principalmente das áreas rurais), como de grandes centros urbanos, fazendo com que o número de habitantes dessas cidades receptoras crescesse e passassem a exercer um papel de “polo”, propagando ao redor delas uma dinâmica de desenvolvimento.

Nesta perspectiva, temos como exemplo, no estado de Mato Grosso, a cidade de Rondonópolis, que sustentou um alto crescimento populacional, nas décadas posteriores a 1960, por motivo do incremento de atividades ligadas ao agronegócio.

Para o desenvolvimento desta pesquisa buscaram-se dados secundários em livros, artigos científicos, dissertações, etc., e dados disponíveis no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e da Prefeitura Municipal de Rondonópolis.

Sendo assim, o objetivo proposto para este artigo é realizar uma discussão conceitual/teórica em relação ao estudo de cidades médias, levantando fatores, através de processos históricos e socioeconômicos, que levaram a cidade de Rondonópolis-MT a despontar no cenário regional e nacional como uma cidade média.

Alguns indicadores históricos do município de Rondonópolis: dos garimpeiros aos agroindustriais

O município de Rondonópolis se localiza na porção sudeste do estado de Mato Grosso, entre as coordenadas 15°57'47" e 17° 18'00" de latitude Sul e 53°52'45" e 55°01' 45" de longitude Oeste (Figura 1). O município possui área total de 4.165,23 km² e, conforme o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) (2009), se localiza a uma distância de 215 km de Cuiabá, 483 km de Campo Grande, 922 km de Brasília e 1403 km de São Paulo. O município se limita com Itiquira, Santo Antônio do Leverger, Juscimeira, Poxoréo e São José do Povo.

Em relação à geomorfologia, localiza-se no Planalto dos Guimarães, englobando parte da borda Ocidental da Bacia do Paraná. Limita-se ao Sul com o Planalto Taquari-Itiquira e a Oeste com a Depressão do Paraguai. Os solos da região são bem drenados e estruturados, com baixa capacidade de retenção de água, e apresentam os latossolos vermelho-amarelo, latossolos vermelho-escuro e areias quartzosas, com maior predominância.

De acordo com Sette (*apud* ELY, 1998), a temperatura média anual é de 25°C, com média das máximas de 32,6°C e média das mínimas de 18,6°C. Os meses de setembro e outubro se destacam como os mais quentes, atingindo temperaturas médias acima de 26°C. Nos meses de junho e julho são registradas as menores médias anuais, 21,9°C e 22,3°C, respectivamente. A região se localiza no domínio do ecossistema cerrado.

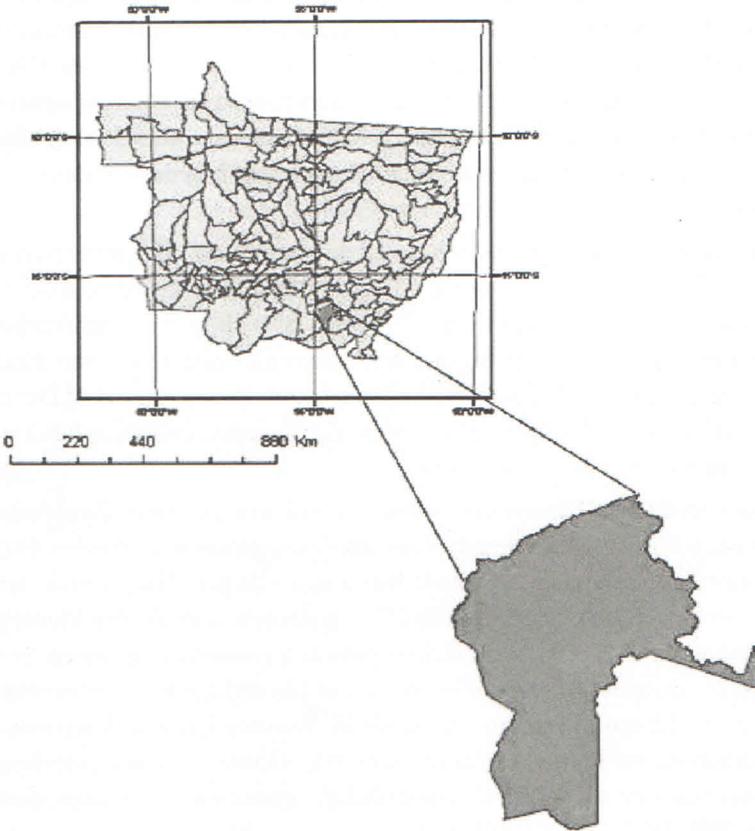


Figura 1- Localização do município de Rondonópolis

Fonte: Base Cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006.

Conforme Vilarinho Neto (2002), o povoado que deu origem à cidade de Rondonópolis nasceu à margem esquerda do Rio Vermelho com a fixação de garimpeiros, tanto de ouro como de diamantes, provenientes do município de Poxoréo. Em 1918, com a passagem da Comissão Rondon, o povoado foi renomeado e recebeu o nome de Rondonópolis, em homenagem ao Marechal Cândido Rondon. Este autor acrescenta que,

[...] é a partir da década de 1930 que começa o efetivo povoamento da cidade de Rondonópolis, intensificando-se na década seguinte, devido à cidade localizar-se no entroncamento das rodovias federais, BR 364 e 163, que ligam o Estado de Mato Grosso com o resto do País, tanto via Mato Grosso do Sul, como via Goiás (VILARINHO NETO, 2002, p. 322).

Segundo Oliveira (2005), a estrutura urbana da cidade começou a ser construída neste período, inicialmente formando o atual setor central. Até a década de 1940 a cidade permaneceu em decadência. A partir de 1947 o povoado começou a se desenvolver com a instalação de colônias agrícolas incentivadas pelo Governo do Estado de Mato Grosso, recebendo assim fluxo de imigrantes de outras partes do estado e da região Nordeste e Centro-Sul do país.

A criação do município se deu em 12 de outubro de 1953, através da Lei Estadual nº 666. Em 1955, surgiu o Distrito de Vila Operária, afastado do centro da cidade. Este loteamento foi criado para abrigar os trabalhadores de um futuro distrito industrial, que se localizaria a oeste do mesmo. Entretanto, somente na década de 1980 foi loteada uma área para o atual Distrito Industrial, num local totalmente diferente do previsto, sendo que o referido distrito se encontra ligado ao centro.

Na década de 1970, acelerou-se no município o processo de expansão capitalista e Rondonópolis desenvolveu um rápido processo de modernização no campo, incrementando as atividades da soja e da pecuária, além do setor de serviços na cidade. Na década de 1980, conforme a Prefeitura Municipal de Rondonópolis (2009), o município passou a ser pólo econômico da região, sendo classificado como segundo município do Estado em importância econômica. O setor terciário na cidade de Rondonópolis é diversificado, destacando-se: transporte, hotéis, restaurantes, oficinas mecânicas, escritórios de construção, de advocacia, de contabilidade, consultórios médicos, dentre outros (VILARINHO NETO, 2002).

A posição geográfica estratégica contribuiu para o crescimento econômico de Rondonópolis, por sua localização geográfica e por sua hidrografia, o município é denominado, regionalmente, o portal de entrada do pantanal mato-grossense. A cidade é cortada por importantes rodovias federais (BR) e estaduais (MT), construídas a partir de 1945. Elas dão acesso às outras regiões do Brasil e ao interior de Mato Grosso. As rodovias são: a) BR 364: faz ligação na direção de Cuiabá, com o Noroeste de Mato Grosso, direcionando saída para a região norte do Brasil. Na direção leste, a BR 364 faz ligação com o estado de Goiás, proporcionando saídas para as regiões Sudeste e Nordeste do Brasil; b) BR 163: faz a ligação com a porção Sul do estado de Mato Grosso, ligando ao estado de Mato Grosso do Sul e ao norte de Mato Grosso, com a região norte, através do estado do Pará; e c) MT 130 e MT 270: fazem a ligação de Rondonópolis com os municípios do sudeste do estado de Mato Grosso.

Em todo esse entrecruzamento de rodovias, apenas na direção Oeste do município não há rodovia estadual ou federal. Nesse sentido a ligação viária da microrregião é feita por estradas secundárias que dão acesso à Bacia do Rio São Lourenço. A visualização do detalhamento anterior está exposta na figura 2. Acrescenta-se que, em 2000, a população de Rondonópolis era de 150.227 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2001) e, em 2007, era de 172.783, sendo 164.969 moradores urbanos e 7.814 moradores na zona rural (IBGE, 2007).

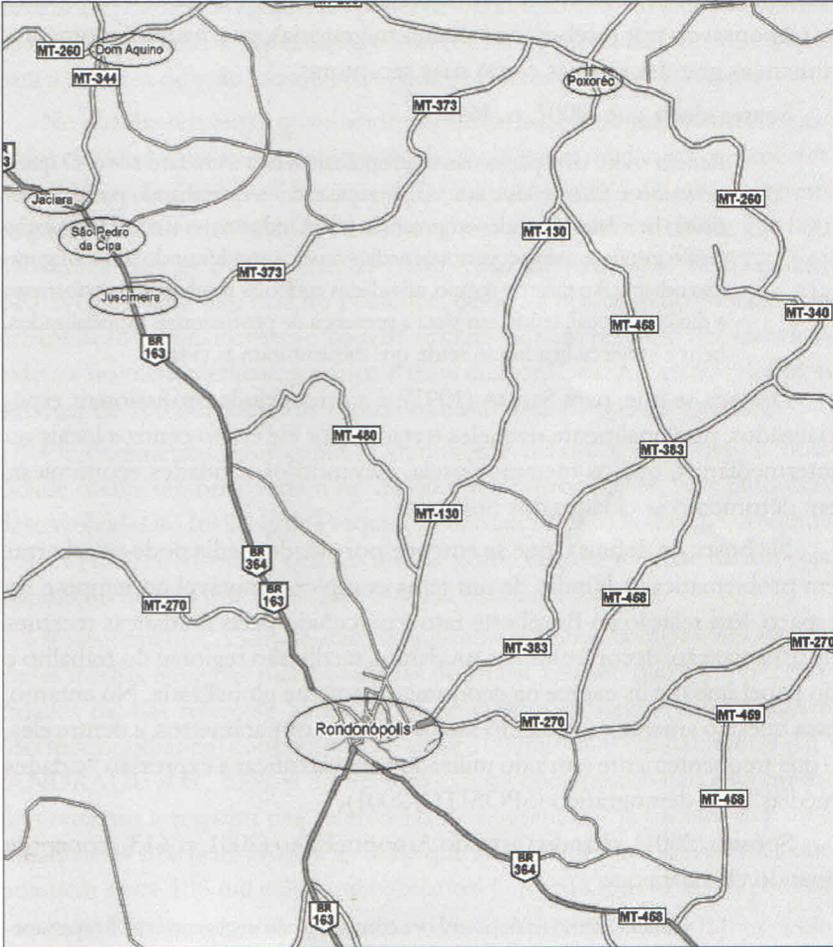


Figura 2- Área de influência da cidade de Rondonópolis (através de ligações rodoviárias)
Nota: Informação veiculada em meio eletrônico.³

3 Disponível em: <<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>>.

Algumas pontuações sobre os estudos de hierarquia urbana e cidades médias

O debate sobre as cidades médias no Brasil não é recente e remonta, principalmente, à década de 1970, através de tentativas de classificá-las e identificá-las no sistema urbano brasileiro. Mas, de acordo com Corrêa (2007), já a partir de meados da década de 1960, em meio a um sistema de planejamento que pretendia incluir a dimensão espacial nas políticas governamentais, estabeleceu-se a noção de cidades de porte médio, as quais seriam as responsáveis por receber as correntes migratórias, que, naquele momento, tinham as grandes cidades como suas receptoras.

Soares alerta que (2007, p. 461)

Refletir sobre os espaços não metropolitanos não é um fato novo. O que é novo são as interações e articulações que estão redesenhando parte do território brasileiro. Grandes empreendimentos industriais ou comerciais estão sendo instalados em pequenos e médios centros, modificando sua configuração urbana. Ao mesmo tempo, atividades agrícolas modernas transformam a dinâmica local, tendo em vista a presença de profissionais especializados, bens e serviços ligados ao setor, que reestruturam as cidades.

Destaca-se que, para Santos (1993), é a presença de profissionais especializados, principalmente naqueles tratados por ele como centros locais ou intermediários, que os metamorfoseia, elevando-os a cidades econômicas, em detrimento às cidades dos notáveis.

Na busca de definir o que se entende por cidade média pode-se esbarrar em problemáticas advindas de um tema complexo, mutável no tempo e no espaço. Em relação ao Brasil este fato é percebido pelas mudanças recentes na urbanização, decorrentes das mudanças na divisão regional do trabalho e do papel que o país exerce na economia altamente globalizada. No entanto, essa questão ameniza-se quando são usados alguns parâmetros, e dentre eles, o que frequentemente tem sido utilizado para classificar a expressão “cidades médias”, é o demográfico (SPÓSITO, 2001).

Spósito (2001), citando Osvaldo Amorim Filho (2001, p. 613), concorda quando ele relata que

[...] o critério demográfico (embora cômodo e não negligenciável) é capaz apenas de identificar o grupo ou a faixa que pode conter as cidades médias.

[...] o critério da classificação baseado no tamanho demográfico tem sido o mais utilizado para identificar as cidades médias como primeira aproximação. [...]. Desse ponto de vista, embora não haja um acordo absoluto quanto aos limiares demográficos máximo e mínimo, que podem conter o

conjunto das cidades médias, há, em cada período histórico, coincidentes patamares demográficos definidores desse conjunto de cidades

Assim, outros critérios podem ser utilizados na busca de nortear estudos sobre cidades médias e podem-se considerar as seguintes características como definidoras desse patamar de cidade: poderio econômico, grau de urbanização, centralidade e qualidade de vida da população. De acordo com Lefèbvre (*apud* CASTELLO BRANCO, 2006, p. 250), “[...] a centralidade é fundamental na definição do fenômeno urbano [...]” e é a principal característica dessa categoria de cidades, pois nela se apoia o seu poder de articulação entre os diferentes níveis de centros urbanos, a sua atuação como centro de oferta de bens e serviços para a sua área de influência, e como nós de diferentes tipos de rede.

No que diz respeito à quantidade populacional, como parâmetro classificador de cidades médias ou intermediárias, ocorreram mudanças no decorrer do tempo, com variações nos intervalos populacionais mínimo e máximo empregados. Na década de 1970 adotava-se o limite entre 50.000 e 250.000 habitantes para as cidades médias (AMORIM; SERRA *apud* CASTELLO BRANCO, 2006). Em ocasião posterior, devido à evolução do processo de urbanização e transformação na rede urbana do país, produto das transformações no meio técnico-científico e informacional, Santos (1993) define o patamar de 100 mil habitantes como mínimo para tal tipo de cidade.

Os parâmetros demográficos mínimos e máximos para definir uma cidade média também variam no Brasil e em outros países. Nas pesquisas desenvolvidas no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Andrade e Serra (1997) definem as cidades médias como centros intermediários, cuja população urbana está entre 50 e 500 mil habitantes.

Recentemente, Andrade *et al.*, ao discutirem sobre as migrações nas cidades médias e regiões metropolitanas do Brasil, relatam que “[...] o termo cidades médias refere-se ao conjunto de centros urbanos (não capitais e não metropolitanos) com população entre 100 mil e 500 mil habitantes [...]” (ANDRADE *et al.*, 2000, p. 1). Spósito explica que, mesmo não encontrando consenso a respeito das referências demográficas, “[...] aceita-se para a urbanização brasileira atual, a idéia de que são ‘cidades médias’ aquelas que possuem entre 100 mil e 500 mil habitantes [...]” (SPÓSITO, 2001, p. 612).

Castello Branco (2006), em estudo realizado no IBGE em 2001, buscando identificar áreas de concentração de população, adotou um patamar mínimo de 350.000 habitantes para o reconhecimento de grandes áreas urbanas do país. Esse patamar foi estabelecido ao constatar-se que a partir desta proporção os centros urbanos apresentam significativa densidade demográfica e estabilidade

no crescimento populacional. Dessa forma, esta autora, no seu artigo anteriormente referenciado, trabalha com o intervalo de 100 mil e 350 mil habitantes para identificar as cidades médias não metropolitanas e não capitais do país.

Deixando para trás o tratamento demográfico como classificação de cidades médias, julga-se necessário retornar aos critérios citados anteriormente, pois “[...] a definição de ‘cidades médias’ não se vincula apenas a classificação por porte populacional [...]” (CASTELLO BRANCO, 2006, p. 246). Além de aspectos quantitativos, levam-se em consideração as funções/papéis que estas realizam na rede urbana regional, nacional e internacional.

Nessa perspectiva, Spósito (2001, p. 635-636) relata em seu artigo que

[...] podemos caracterizar as “cidades médias”, afirmando que a classificação delas, pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao seu potencial de comunicação e articulação proporcionados por suas situações geográficas, tendo o consumo um papel mais importante que a produção na estruturação dos fluxos que definem o papel intermediário dessas cidades.

Com o aprofundamento na divisão regional/social do trabalho observa-se o nascimento de localidades altamente especializadas na produção de bens voltados para um mercado capitalista cada vez mais globalizado. Essas localidades vivenciam permanentes transformações desencadeadas através de empresas e instituições, que operam e se projetam cada vez mais na escala global. Tal fato é evidenciado na maioria das cidades médias brasileiras ligadas à agroindústria, voltadas para o mercado mundial.

Com o campo sendo metamorfoseado constantemente por atividades que utilizam capital intensivo e tecnologia de ponta, é visível a expansão do meio técnico científico informacional, aumentando a produção da natureza social sobre a primeira natureza, ou seja, valor de troca em detrimento de valor de uso (ELIAS, 2006). Daí que, esta autora defende que “[...] uma das possibilidades para a compreensão das redefinições regionais e das cidades médias no Brasil pode ser buscada junto à reestruturação produtiva da agropecuária (ELIAS, 2006, p. 282)

Destaca-se que o estudo de hierarquia urbana se baseia na noção de rede urbana, que corresponde a um conjunto integrado de cidades, estabelecendo relações econômicas, sociais e políticas entre si. Essas relações levam ao predomínio e à influência de algumas cidades sobre as outras, produzindo um sistema de relações hierarquizadas no interior de cada rede urbana.

A publicação da quarta edição de Regiões de Influência das Cidades pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008) é um importante documento na busca de aproximações ao conhecimento da hierarquia dos

centros urbanos brasileiros. Neste estudo, os centros urbanos são divididos e subdivididos em: a) metrópoles (grande metrópole nacional, metrópole nacional e metrópole); b) capital regional (A, B e C); c) centro sub-regional (A e B); d) centro de zona (A e B) e centro local.

Fazem parte dos centros sub-regionais cidades como: Franca, Limeira, São Carlos, Rio Claro, Jaú, Botucatu, Catanduva, Barretos, Ourinhos, São João da Boa Vista, Poços de Caldas, Patos de Minas, Alfenas, Barra do Garças, Cáceres, Rondonópolis, Sinop e Ji-Paraná. Segundo o IBGE (2008) os centros sub-regionais totalizam 169 centros com atividades de gestão menos complexas, com área de atuação mais reduzida. Seus relacionamentos com centros externos à sua própria rede dão-se, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais.

Com presença mais adensada nas áreas de maior ocupação do Nordeste e do Centro-Sul e mais esparsa nos espaços menos densamente povoados das Regiões Norte e Centro-Oeste, apresenta duas subdivisões, dentre elas, centro sub-regional A, onde está inserida Rondonópolis. Estes centros constituem-se de 85 cidades, que apresentam medianas de 95 mil habitantes e 112 relacionamentos empresariais. Uma aproximação à abordagem feita aqui pode ser fortalecida através das figuras 3, 4, 5, 6, além do conteúdo completo da obra editada pelo IBGE e que consta nas referências bibliográficas deste artigo.

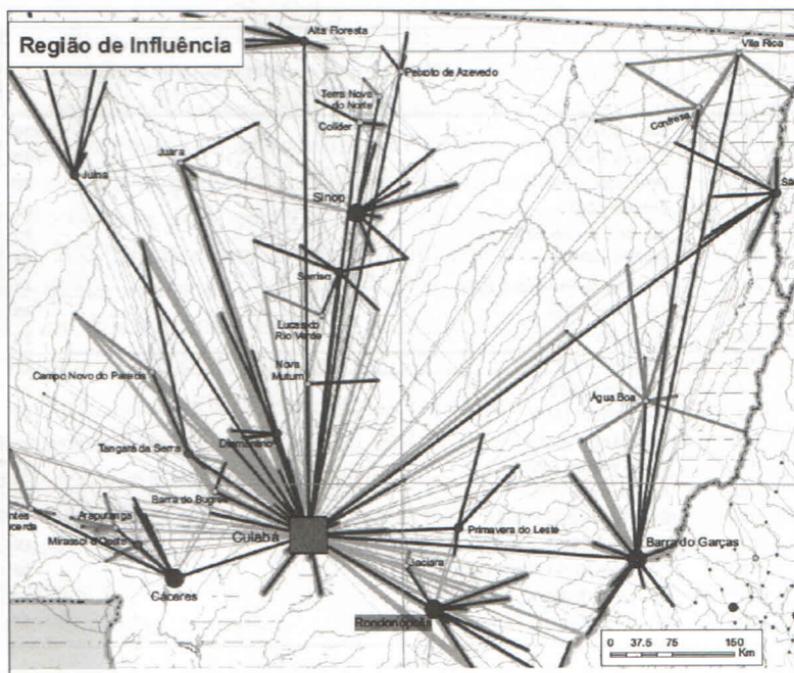


Figura 3- Rede de influência das principais cidades mato-grossenses
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE/ 2008.

Ordem	Cidade	Intensidade de relacionamento empresarial (1)
1	São Paulo (SP)	307
2	Campo Grande (MS)	140
3	Brasília (DF)	117
4	Rondonópolis (MT)	109
5	Sinop (MT)	71
6	Rio de Janeiro (RJ)	68
7	Tangará da Serra (MT)	60
8	Goiânia (GO)	57
9	Curitiba (PR)	38
10	Campinas (SP)	38
11	Porto Velho (RO)	35
12	Primavera do Leste (MT)	34
13	Manaus (AM)	33
14	Santo Antônio do Leverger (MT)	30
15	Sorriso (MT)	26
16	Presidente Prudente (SP)	25
17	Cáceres (MT)	24
18	Barra do Garças (MT)	23
19	Porto Alegre (RS)	20
20	Cascavel (PR)	20

Figura 4 - Intensidade de relacionamento empresarial de Cuiabá em 2004

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2008).

Ordem	Cidade	Intensidade de relacionamento empresarial (1)
1	São Paulo (SP)	339
2	Cuiabá (MT)	140
3	Dourados (MS)	88
4	Brasília (DF)	82
5	Rio de Janeiro (RJ)	73
6	Curitiba (PR)	47
7	Presidente Prudente (SP)	41
8	Corumbá (MS)	40
9	Londrina (PR)	28
10	Rondonópolis (MT)	26
11	Campinas (SP)	23
12	Três Lagoas (MS)	23
13	Sidrolândia (MS)	21
14	Porto Alegre (RS)	21
15	Aquidauana (MS)	20
16	Belo Horizonte (MG)	20
17	Camapuã (MS)	19
18	São Gabriel do Oeste (MS)	18
19	Ponta Porã (MS)	17
20	Bonito (MS)	15

Figura 5- Intensidade de relacionamento empresarial de Campo Grande em 2004

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (2008).

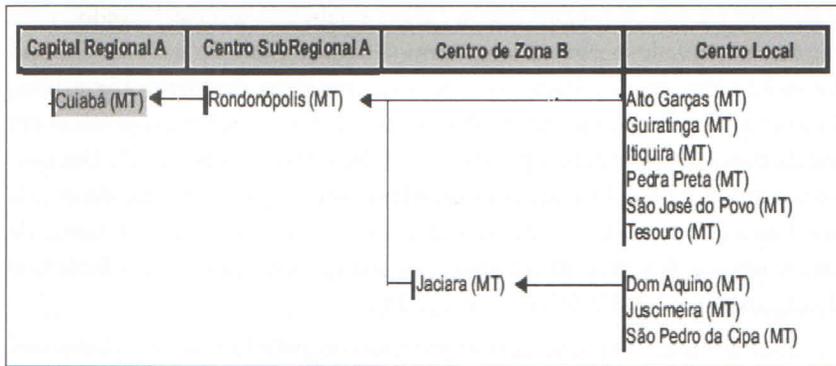


Figura 5 - Área de influência de Rondonópolis em 2004

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (2008).

Uma cidade média no cerrado: o caso de Rondonópolis-MT

A cidade de Rondonópolis, localizada na região sul do estado de Mato Grosso é um dos poucos exemplos disponíveis, em âmbito estadual, de uma cidade média, quando utilizada a quantidade populacional, principalmente aquela referenciada anteriormente. Os dados do IBGE (2007) apontam que o município de Rondonópolis possuía uma população de 172.783 habitantes. Se observarmos que uma cidade média seja uma cidade não metropolitana e não capital e possua aquele contingente demográfico já destacado no texto, Sinop também se apresenta como outro exemplar de cidade média no estado de Mato Grosso, pois, em 2007, sua população era de 105.762 habitantes (IBGE, 2007). Mas, como destacado também, atualmente, o estudo de uma cidade média não pode e nem deve ficar preso apenas ao contingente populacional, mas a outras especificidades, principalmente aqueles atributos qualitativos de um centro urbano.

Daí que, outras cidades mato-grossenses também podem ser enquadradas como uma cidade de porte médio, pois a rede urbana do estado de Mato Grosso apresenta algumas especificidades, com certa debilidade, quando comparada com outros estados brasileiros. Entende-se que cabe, àquele interessado em estudar tal temática e diante de seus objetivos, propor argumentos que justifiquem tal conduta, delineando novas cidades médias para o território mato-grossense.

Entre os fatores determinantes, a situação geográfica é de grande destaque, pois a cidade se encontra no entroncamento de duas rodovias federais,

a BR-163 e a BR-364. Com isso, a cidade estabelece um elo “rápido” com outras cidades de porte maior, como Goiânia, Cuiabá, Brasília, Campo Grande, além de São Paulo, que se situa no topo da hierarquia urbana brasileira. Conforme George (1983, p. 36), “[...] as relações geográficas em escala regional abrangem a posição ou a situação da cidade [...]”. Daí que, para o autor, a posição pode ser definida como “[...] a localização da cidade em função de fatores naturais susceptíveis, no passado ou no presente, de influir em seu desenvolvimento que, por sua vez, está vinculado à facilidade de expansão[...]” (GEORGE, 1983, p. 36).

Para Spósito (2007), devido ao processo de globalização, as cidades médias tiveram seus papéis alterados em função de situações geográficas mais ou menos favoráveis e atraentes aos investimentos externos e de iniciativas de atores locais e regionais, devido à maior ou menor capacidade de se integrarem de forma mais ampla às novas formas de configuração de relações em múltiplas escalas.

Nas duas últimas décadas, Rondonópolis passou por um processo acelerado de crescimento econômico e populacional. Em relação à economia, o município tornou-se base de uma agricultura voltada para o mercado internacional, primeiramente através da produção do algodão e, em seguida, da soja, além de outros produtos.

No que diz respeito ao crescimento populacional, o processo de industrialização iniciado, na década de 1980, com a instalação de esmagadoras de soja e envasadoras de óleo de soja, e fábricas de fertilizantes, como a Sadia S/A, atual Archer Daniels Midland Company - ADM, e Bunge, dentre outras, proporcionaram a expansão do crescimento populacional. De acordo com Soares (2006, p. 349), “[...] a indústria brasileira cresceu nas cidades médias, convertendo esses territórios em pólos de atração de migrações internas e inter-regionais.”

Andrade e Serra (1997) observam que, para as fronteiras agrícolas do Centro-Oeste, com atividades mais intensas no uso de capital, não só surgiu uma demanda pela ampliação de centros de apoio para atividades terciárias ligadas à comercialização de mercadorias, mas induziu também às atividades de porte industrial, principalmente a produção de insumos e implementos agrícolas.

Sendo assim, o município tornou-se um polo da região onde está localizado, influenciando cidades em seu entorno, como Poxoréo, Pedra Preta, Guiratinga, entre outras. Nota-se que estes municípios não são dotados de infra-estrutura que atenda às necessidades de sua população, obrigando esta a

se deslocar até Rondonópolis para buscar o atendimento de suas necessidades. Na visão de Pires (2006), a partir do momento que uma cidade torna-se um polo, conduz ao seu redor outras atividades, devido à densidade humana, infraestrutura da qual se beneficia e do poder de compra que representa, propagando em seu entorno uma dinâmica de desenvolvimento (a influência de Rondonópolis no espaço regional é destacada nas figuras 2 e 3).

Devido à polarização exercida na região do município é necessário que este disponha de serviços adequados para atender à demanda advinda de outros municípios vizinhos. Um exemplo que demonstra tal fato é em relação ao número de hospitais e leitos disponibilizados na área de saúde, pois, de acordo com a Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral (SEPLAN, 2005), a cidade possui um total de 7 hospitais e 504 leitos, entre públicos e privados, sendo o segundo maior número do estado.

Nessa perspectiva, Arroyo (2006) relata em seu artigo que, atualmente, devido à instalação de uma agricultura científica globalizada, ocorre a intensificação das relações, em decorrência de uma atividade econômica que transforma uma cidade média em um ponto da fixação de grandes empresas, impondo novas exigências e novos ritmos ao seu cotidiano. Dessa forma, quanto maior o número de circuitos produtivos que atravessa a cidade, mais há a necessidade dela possuir redes técnicas de transporte, comunicação e serviços, para garantir uma circulação adequada às novas demandas. Entretanto, esses centros raramente desempenham um papel de comando, função exercida pelas grandes metrópoles.

Para Assis *et al.* (2005), nas cidades médias as especializações funcionais, geradas pelas atividades secundárias e terciárias, reforçaram seus papéis de centros regionais, além de atraírem também, para o território das cidades médias, maiores conteúdos de ciência, de tecnologia e de informação, redefinindo, assim, suas organizações espaciais, suas funções regionais e seus papéis na divisão territorial do trabalho. Para a busca de maior entendimento da dinâmica econômica do município de Rondonópolis, apresenta-se a seguir a composição do PIB do município, no Quadro 1.

Quadro 1- Composição do Produto Interno Bruto (PIB) do município de Rondonópolis em 2006⁴

Valor adicionado na agropecuária	156.916 mil reais
Valor adicionado na indústria	909.209 mil reais
Valor adicionado no serviço	1.319.664 mil reais
Impostos sobre produtos líquidos de subsídios	320.839 mil reais
PIB a preço de mercado corrente	2.706.628 mil reais
PIB <i>per capita</i>	15.939 reais
Incidência de pobreza	35,24%

Observa-se, através dos dados, que a composição do PIB do município de Rondonópolis é extremamente atrelada ao setor terciário da economia, visto que este representa quase 50% do PIB total. Fazendo uma relação com algumas “cidades do agronegócio” mato-grossense, dentre elas, Lucas do Rio Verde, Nova Mutum e Sorriso, que têm como sustentação dos seus PIB, o setor primário e o terciário, Rondonópolis apresenta forte ligação de sua economia, além do setor terciário já citado anteriormente, ao setor secundário da economia. A composição do PIB de cada um dos municípios citados é encontrada em IBGE – Cidades, fonte esta apresentada nas referências bibliográficas.

Conforme Andrade e Serra (1997), com o desenvolvimento da agricultura do Centro-Oeste, seus centros urbanos regionais se dinamizaram, tanto pela função de base urbana para distribuição e comercialização de bens e serviços de apoio às atividades primárias, quanto pela demanda de insumos industriais para a agroindústria.

Considerações finais

Diante do objetivo buscado neste artigo, procurou-se delinear as discussões referentes aos centros urbanos classificados como cidades médias, demonstrando-se sutilmente os fatores propulsores, nas últimas décadas, do número de tais cidades.

Especificamente tratando-se da cidade de Rondonópolis, relacionou-se as causas do seu crescimento populacional, principalmente a partir da década de 1960, observando que o alto crescimento demográfico evidenciado

4 Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>

no município se deve, principalmente, à situação geográfica e à facilidade de locomoção terrestre para outros centros urbanos, principalmente os de maior importância econômica.

Desta forma, evidenciou-se inicialmente a entrada do capitalismo através da agricultura e pecuária voltada para o mercado internacional e, posteriormente, a instalação de unidades fabris para a industrialização da produção local e regional, visto que a cidade drena parte considerável, principalmente dos grãos de soja produzidos no estado de Mato Grosso. Sendo assim, pode-se destacar que a industrialização desencadeada no município atraiu um alto contingente populacional.

Nesta perspectiva, notou-se ainda que a implantação de considerável infra-estrutura (rodovias estaduais e federais, hospitais, dentre outros) facilitou o atendimento de parte da demanda populacional local e também a demanda de pessoas oriundas de municípios vizinhos dotados de menor infra-estrutura, no que diz respeito à prestação de serviços.

Referências

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. **O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro**. Rio de Janeiro: IPEA, 1997. (Textos para discussão, n. 554).

ANDRADE *et al.* **Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980/96**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. (Textos para discussão, n. 747).

ARROYO, María Mônica. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. In: SPÓSITO, Eliseu Savério; SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Org.). **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 71-85.

ASSIS, Lenilton Francisco de; ARAÚJO, Francinelda Ferreira de Araújo; GOMES, Maria Ferreira. A terciarização da cidade média de Sobral e suas influências no comércio das cidades pequenas de Cariré e Varjota - CE. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, IX., 2005, Manaus. Anais do IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Manaus: UFAM, 2005. 1 CD Rom.

CASTELLO BRANCO, Maria Luiza. Cidades médias no Brasil. In: SPÓSITO, Eliseu Savério; SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Org.). **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 245-277.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES (DNIT). **Distância entre Cidades**. Disponível em: <http://www1.dnit.gov.br/rodovias/distancias/distancias.asp>>. Acesso em: 10 agosto, 2009.

ELIAS, Denise. Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: notas teórico-metodológicas. In: SPÓSITO, Eliseu Savério; SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Org.). **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 233-256.

ELY, Deise Fabiana. **A compartimentação e estruturação da paisagem do município de Rondonópolis-MT**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998. 115f.

FRANÇA, Iara Soares de; PEREIRA, Anete Marília; SOARES, Beatriz Ribeiro. Dinâmica de áreas centrais e surgimento de novas centralidades em cidades médias: o caso de Montes Claros. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, IX., 2005, Manaus, Anais do IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Manaus: UFAM, 2005. 1 CD ROM.

GEORGE, Pierre. **Geografia urbana**. São Paulo: DIFEL, 1983. Tradução do Grupo de Estudos Franceses de Interpretação e Tradução.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 2000**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela>>. Acesso em: 03. ago. 2009.

_____. **Contagem da População 2007**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp>>. Acesso em: 03. ago. 2009.

_____. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em: 02. ago. 2009.

_____. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

OLIVEIRA, Adenilce Ferreira. **O abastecimento público de água em Rondonópolis-MT: uma análise dos ritmos climáticos e sociais**. Dissertação (Mestrado em Geografia.) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.

PIRES, Elson Luciano Silva. Mutações Econômicas e Dinâmicas Territoriais Locais: delineamento preliminar dos aspectos conceituais e morfológicos. In: SPÓSITO, Eliseu Savério; SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO,

Oscar. (Org.). **Cidades Médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 47-70.

RONDONÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Rondonópolis. **História de Rondonópolis**. Ano. Disponível em: <http://www.rondonopolis.mt.gov.br/view_conteudo.php>. Acesso em: 27 jul. 2009.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL (SEPLAN). **Anuário Estatístico de Mato Grosso**. Cuiabá: Central de Texto, 2006.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: _____. (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: GASPERR, 2001. p. 609-643.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____. (Org.). **Cidades Médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Pequenas e médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades Médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 461-494.

VILARINHO NETO, Cornélio Silvano. **Metropolização regional, formação e consolidação da rede urbana do Estado de Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) -Geografia Humana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.